

A escola como experiência: entrevista com Walter Omar Kohan¹

The school as an experience: interview with Walter Omar Kohan

Ivan Rubens Dário Jr.², Luciana Ferreira da Silva³

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Rio Claro-SP, Brasil

Resumo

Em julho de 2015, o professor Doutor Walter Omar Kohan esteve na cidade de São José dos Campos-SP, Brasil, participando do 3º Simpósio Internacional de Educação. Ele nos recebeu muito gentilmente para uma conversa sobre experiência e tempo na escola, sobre a relação entre infância, tempo e experiência. O resultado desta breve conversa está registrado nesta entrevista.

Palavras-chave: Escola, Experiência, Tempo, Infância.

Abstract:

In July 2015, Professor Walter Omar Kohan was in the city of São José dos Campos, Brazil, participating in the 3rd International Symposium on Education. He received us very kindly for a conversation about experience and time in school, about the relationship between childhood, time and experience. The result of this brief conversation is recorded in this interview.

Keywords: School, Experience, Time, Childhood.

Entrevistado: Prof. Dr. Walter Omar Kohan

Entrevistadores: Ivan Rubens Dário Jr. e Luciana Ferreira da Silva

Ivan: Havíamos combinado, inicialmente, uma breve conversa a respeito da Escola como Experiência. Contudo, o senhor decidiu fazer algum acréscimo nesse tema geral de nossa conversa. Poderia falar um pouco sobre isso, preliminarmente, por favor?

Kohan: Eu acrescentei uma palavra no título que foi falada muito por Silvio⁴, com quem eu conversei a respeito dessa intervenção; e decidi acrescentar a questão do tempo. Sei que vocês estiveram com o Jorge⁵, que fez também referência à questão da escola como tempo livre.

Gostaria de fazer uma fala sobre experiência e tempo na escola, ou sobre a relação entre infância, tempo e experiência; e gostaria que a fala fosse de fato... gostaria

1 Walter Omar Kohan é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Prociência (UERJ/FAPERJ). Foi Presidente do Conselho Internacional para a Investigação Filosófica com crianças (ICPIC). Publicou mais de 50 trabalhos em periódicos especializados e anais de eventos em vários países e publicou ou organizou 50 livros e mais de 70 capítulos de livros. Coordena desde 2007 o Projeto de Extensão em Escola Pública ("Em Caixas a Filosofia en-caixa?", UERJ/FAPERJ) e Projetos de Pesquisa Interinstitucionais junto a Universidades Nacionais e Internacionais. É orientador de mestrado, doutorado e pós-doutorado nas áreas de ensino de filosofia, infância e filosofia da educação.

2 Mestre em Educação. Pesquisador no Laboratório de Estudos em Políticas Públicas - LEPP, da Universidade Estadual Paulista - UNESP. ivanrubens@hotmail.com.br

3 Mestra em Educação. Pesquisadora no LEPP - UNESP. lucianaf09@gmail.com

4 Silvio Munari Machado, doutor em Educação pela UFSCar.

5 Jorge Larrosa.

de convidar vocês para uma experiência, ou seja, que vocês não se preocupassem muito no que eu digo, no conteúdo do que eu digo, mas se preocupassem mais em acompanhar o movimento que eu vou propor para vocês, ou seja, que vocês tentassem se relacionar com o que eu falo a partir da lógica da experiência e não a partir da lógica do saber ou do conhecimento.

Luciana: Começamos pela experiência?

Kohan: Jorge (Larrosa) deve ter falado sobre isso, talvez ontem, também. ‘Experiência’ é uma palavra que tem esse ‘per’ no meio que é o mesmo ‘per’ de percurso, por exemplo, que significa movimento. Ou seja, a experiência é como um deslocamento, como um movimento, como sair de um lugar e encontrar outro lugar. E gostaria que vocês se arriscassem a fazer isso comigo agora, ou seja, vocês agora estão em um lugar não apenas físico, não estão apenas sentados, vocês estão em um lugar no pensamento em relação com o tempo, em relação com a infância, em relação com a experiência. E gostaria que vocês se aventurassem a sair desse lugar no pensamento e pensar outros lugares para a experiência, para o tempo e para a infância. Pode ser? É um convite.

Ivan: Aventuremo-nos.

Luciana: Claro. Seria ótimo.

Kohan: Tenho outra palavra que tem o mesmo radical de experiência que é a palavra ‘perigo’, ou seja, isso sugere que quando fazemos uma experiência, se fazemos uma experiência de verdade, ela é perigosa. Significa que saímos de um lugar em que podemos sentir certo conforto e não sabemos o lugar que vamos alcançar. Então é um risco, uma experiência de verdade é um risco. Mas, de fato, há coisas interessantes na vida que só vêm quando corremos alguns riscos, no conforto da inércia nada acontece. Além do mais, há um tipo de riscos, em particular, os que dizem respeito ao pensamento, que nos interessam particularmente, os perigos que têm a ver com ideias, conceitos e pensamentos. Já começamos nossa experiência. Vamos agora para o tempo. Parece que o tempo está cada vez mais acelerado. É comum ouvir expressões como: ‘não temos tempo’, ‘estamos atrasados’, ‘não vai dar tempo’, ‘o tempo é dinheiro’... o tempo nos atravessa, nós somos tempo... Mas, o que é o tempo? Todos temos uma certa vivência do tempo, todos estamos dentro do tempo. Quem se atreve a dizer o que é o tempo? Ou quem se atreve a nomear o tempo? Ou a definir o tempo? Ou quantos tempos nos atravessam? Quantas formas de nos relacionar com o tempo? Isso pode parecer uma coisa abstrata, pode parecer uma coisa boba, afastada de nós, mas é necessário cuidar de nossa relação com o tempo, porque a maneira como nos relacionamos com o tempo afeta a maneira como nos relacionamos com todo o mundo, com o que fazemos com a vida e o que fazemos, e com nós mesmos. A infância é uma palavra tempo, nós pensamos a infância segundo pensamos o tempo. Nos relacionamos com a infância segundo como nos relacionamos com o tempo. A forma como nos relacionamos com o tempo afeta não apenas nossa infância, mas nossa relação com a infância.

Luciana: Um exemplo pode facilitar nossa compreensão sobre tempo e infância.

Kohan: Vou dar um exemplo, bem simples... Então vamos lá, eu vou dar mais palavras, eu vou escrever algumas palavras. Vai ser uma fala meio infantil, ou seja, nós vamos aprender algumas palavras, eu vou escrever com vocês algumas palavras.

Só escrevi a primeira, são palavras estrangeiras, não só porque eu sou estrangeiro, mas porque tem a ver com uma língua estrangeira, com uma outra forma de pensar, de nos relacionar com a infância e com o tempo. Então colocamos aqui:

- experiência
- tempo
- infância (na escola)

Coloquei uma primeira palavra, só uma, que é a palavra “*khrónos*”.

Em grego há pelo menos três palavras para dizer tempo, em grego antigo, que é a infância do pensamento que chamamos ocidental. Três palavras. Uma é:

- *Khrónos*⁶

Khrónos significa o tempo enquanto número do movimento segundo o antes e o depois. O que é *khrónos*, o que é o tempo segundo *khrónos*? Têm muitos tempos, esse é um tempo. A natureza está em movimento, o mundo está em movimento. Nós acordamos e vemos movimento, o sol se mexe, a luz anda. Esse movimento, os gregos inventaram uma maneira de organizá-lo, colocaram número a esse movimento e dividiram o tempo entre o movimento que já passou e o movimento que ainda não passou. O que já passou é o passado, o porvir é o futuro, a soma de todos os movimentos é tempo, é *khrónos*. Movimentos que passaram e movimentos que ainda virão.

Ivan: O que é o presente?

Kohan: O presente é o limite, o presente não, o tempo literalmente, o presente é como um instante, é uma dobradiça. Tentem ficar no presente, tentem ficar em uma palavra, tentem que a palavra não vai, tentem ficar no pensamento, não tem como! Ou seja, ou ele já foi, como essa palavra que eu disse agora, agora, agora, agora já foi, ou ainda não consigo dizer ela a-go-ra, ou seja, antes de agora eu estou no futuro, mas digo agora e já estou no passado. Percebem? O presente é um instante, o presente não é, por quê? Porque o tempo é movimento, segundo *khrónos*. E um movimento que não pára, ou seja, o relógio ninguém pode parar, pode até ser que nosso relógio pare, mas *khrónos* vai continuar. O tempo anda. Prestem atenção, parece uma coisa abstrata o que eu estou falando, uma coisa meio doida, mas se vocês pensarem bem, a escola é isso, a escola é tempo cronológico. Num Projeto Político e Pedagógico, como organizamos o tempo na escola? A partir de semestres, a partir de semanas, planejamos, fazemos *crono-gramas*.

Ivan: O que é cronograma senão *khrónos-grama*: organização do tempo?

Kohan: Organizamos o tempo escolar. Planejamos. Organizamos toda a escola. Educação Infantil, Ensino Fundamental. Tudo isso é, prestem atenção, sucessivo, consecutivo e irreversível, ou seja, sucessivo, primeiro temos que ter janeiro para ter fevereiro, para depois ter março e abril, maio e junho. Não temos como chegar a agosto se não terminar julho primeiro, ou seja, ele é sucessivo, sucede um ao outro, e consecutivo, segue na sequência e é irreversível, pois uma vez que passou julho, não tem como voltar atrás. *Khrónos* continua, é como se fosse uma força. Por isso, às vezes, nos afeta, pois não podemos parar o tempo, queremos que ele vá mais

6 Na mitologia grega, *Khrónos* (em grego *Χρόνος*, que significa *tempo*; em latim *Chronus*) era a personificação do tempo. Cronus representava as características destrutivas de tempo, que consumia todas as coisas.

devagar, mas ele tem um ritmo, ele vai sem parar e não tem como voltar atrás. O que passou, passou. Bem, temos pouco *khrónos*, então não ficarei mais em *khrónos* senão ele passa. Ele é voraz, ele devora. Lembram da história de *khrónos* e os filhos de Zeus? Devora, *khrónos* nos engole.

Luciana: Então, vamos deixar um pouquinho *khrónos* e vamos para os outros tempos em grego.

Kohan: Sim, porque têm outros tempos em grego. Vamos continuar nosso exercício infantil agora de aprender palavras. Tem um tempo que se chama *kairós*. Eu vou colocar em grego primeiro e depois colocamos em português.

- *Kairós*⁷

Kairós é uma primeira qualificação em *khrónos*, ou seja, *kairós* se traduz como oportunidade. Porque *khrónos*, ele é todo, digamos, do ponto de vista da qualidade, ele é indiferenciado, ou seja, todo movimento de tempo cronológico é igual a outro movimento. Todo segundo é igual a outro segundo. Todo mês, embora nós dividimos, alguns têm 30 dias e outros têm 31 dias, enquanto *khrónos* são todos iguais. Os anos são iguais, as décadas, os séculos. *Khrónos* é indiferenciado. Qualitativamente, todo minuto tem sessenta segundos, toda hora tem sessenta minutos e todo dia tem 24 horas, e assim por diante. *Kairós* se traduz por oportunidade. *Kairós* introduz uma qualidade em *khrónos*. Têm coisas que só podem ser feitas em determinados momentos e há momentos oportunos para fazê-las, e que se não as fizermos nesse momento, não dá certo. Podemos ter a melhor ideia, o melhor projeto, mas se ele não encontra a oportunidade precisa, ele não vai funcionar. Às vezes um projeto que não é interessante encontra um momento mais propício, mais adequado. A hora de pegar um trem, um ônibus, se não estivermos na hora perderemos o trem. Então, um minuto não é sempre igual ao outro minuto. Às vezes encontramos uma pessoa que passa pela nossa vida sem deixar rastros, porque não era o momento de encontrá-la, e em outro momento essa pessoa faz uma explosão em nossa vida.

Luciana: Acontece com os professores e com os alunos... Tanto *khrónos*, quanto *kairós*, são importantes na escola. Podemos pensar que *kairós* qualifica *khrónos*?

Kohan: Pois é, às vezes uma professora nos toca em um momento delicado e tem um efeito que, em outro momento, o mesmo toque passaria sem mais. Desse modo, *kairós* é uma primeira qualificação de *khrónos* e *kairós* é muito importante na escola também, porque há momentos para fazer determinadas coisas. E na escola, além de organizar o tempo cronologicamente por quantidade de tempo, por número de movimentos temporais, organizamos o tempo por oportunidade, pensamos que há certas coisas que só se pode fazer em determinados momentos e não em outros. E pensamos que todas as crianças devem fazer certas coisas em certo momento. Mas o *kairós* pode não ser o mesmo para distintas crianças.

7 *Kairós* (em grego *καιρός*). Na mitologia, *Kairós* é filho de Chronos (Deus do tempo e das estações). Na estrutura linguística, simbólica e temporal da civilização moderna, geralmente emprega-se uma só palavra para significar a noção de "tempo". Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairos*. Enquanto o primeiro referia-se ao tempo cronológico ou sequencial (o tempo que se mede), este último é um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece: a experiência do momento oportuno. O termo é usado também em teologia para descrever a forma qualitativa do tempo, como o "tempo de Deus"; enquanto *khronos* é de natureza quantitativa, o "tempo dos homens".

E tem uma terceira palavra em grego para falar do tempo. As três palavras que estou colocando aqui, as três significam tempo. Mas significam tempo em três sentidos diferentes. Essa terceira palavra é a palavra ‘aión’; aqui vai ficar quase igual, do grego para o português - *Aión*.

Sabem o que significa *aión*? *Aión* é o tempo, justamente, da experiência. É o tempo da qualidade e não da quantidade. É o tempo que não passa. Que não se sucede. É o tempo que dura.

Ivan: É o tempo, por exemplo, da experiência estética. Um bom exemplo é a experiência de ver um filme no cinema?

Kohan: Sim. Quando estamos assistindo um filme, se o filme é muito bom, se nós gostamos muito do filme, o tempo passa muito rápido, nós olhamos no relógio no final e, ‘como assim já acabou?!’, ou seja, parece que foi um instante, parece que foi rápido. Entretanto, quando um filme é muito ruim, nós olhamos no relógio de dois em dois minutos, parece que o relógio não anda, parece que o tempo não passa mais. Os dois filmes foram cronologicamente iguais, mas um foi absolutamente intenso, em nossa percepção, e o outro foi absolutamente superficial. Não conseguimos entrar no filme, portanto, o tempo passou devagar demais. Não teve intensidade, não nos afetou, não nos tocou, não nos fez viajar, não nos fez sair do lugar. Aliás, com as conversas também acontece isso, - eu não quero que vocês digam se essa conversa se parece com o filme bom ou ruim, não precisam -, mas tem palestras que nós ficamos o tempo todo assim: ‘poxa quando é que ele vai acabar, não acaba mais’. E não?! Às vezes parece pouco tempo, se passa rápido, ‘como assim já acabou?!’ Quero mais *khronos*, quero mais tempo! Então, essas três palavras que significam tempo: *khronos*, *kairós* e *aión*, elas são importantes para pensar a infância, pois, lembrem, pensamos a infância e segundo pensamos o tempo.

Luciana: Qual é a ideia dominante da infância?

Kohan: Qual é a ideia que temos geralmente na escola ou em educação? Que a vida é uma linha. Que a vida é uma sequência, e que a infância é a primeira etapa dessa linha. Essa é uma ideia cronológica da infância, ou seja, como se a vida fosse uma linha sucessiva de movimentos e a infância fosse a primeira sequência desde que nascemos até um certo momento da linha, como se a infância fosse a primeira parte de uma linha. Agora, vou mostrar para vocês um fragmento de Heráclito, que é um filósofo grego da infância da filosofia, que diz assim:

[coloco o fragmento diretamente em grego transliterado e depois traduzido para vocês não gritarem de espanto e pedirem que o tempo pare agora e eu termine a fala imediatamente.]

“AION PAIS PAIZO... BASILEUS PAIZOU”

É o fragmento 52 de Heráclito.

[É lindo esse exercício de escrever aqui na hora, parece uma coisa meio infantil, de se nascer palavras já nascidas.]

Luciana: São cinco palavras.

Kohan: A primeira palavra significa tempo, é *AION*. Ou seja, se vocês olhassem diretamente para a tradução, veriam tempo, mas, como sabemos, em grego poderia ser tanto *aión*, *khronos* e *kairós*. Então, no caso deste fragmento é *aión*, tempo.

Em grego há várias palavras para dizer criança. *PAIS* é uma delas. De *PAIS* vem a palavra Paidéia, que significa educação. É o que se faz com a criança. Em grego, *país* também significa escravo. Prestem atenção que os gregos utilizaram a mesma palavra que tinham para escravo para designar a criança. E tem uma segunda palavra para criança, que é a palavra *NEOS*, que significa novo. Nós temos, por exemplo, neoliberalismo que significa novo liberalismo. *Néos* em grego significa criança, como *PAIS*.

E a terceira palavra do fragmento, *PAIZO*, é um verbo. Vejam que tem três palavras muito próximas aqui, *PAIS*, *PAIZO* e *PAIZOU*. São muito próximas e as três têm a ver com criança. *PAIS* é o substantivo que significa criança literalmente. *PAIZO*, que é a terceira, é um verbo, a ação de uma criança, literalmente seria “crianciar”, o que faz uma criança. Quando vocês veem uma tradução desse fragmento, geralmente traduzem *paizo* por brincar, normalmente se traduz isso como ‘o tempo é uma criança que brinca’. Está certo, sendo que o brincar é talvez do mais próprio que uma criança faz, mas tem ali um matiz e mais literalmente poderíamos dizer “o tempo é uma criança que criancia, que faz criâncias, que faz coisas próprias de uma criança”. É um pouco diferente e talvez nos ajude pensar...

Ivan: Lindo isso...

Kohan: *BASILEUS* é uma palavra do poder, significa reino; e *PAIZOU* muda a terminação para indicar a posição da palavra na frase, ou seja, que é próprio de uma criança. Então, pensem comigo, o que é que está dizendo Heráclito aí? *Aion*, o tempo, é uma criança que criancia; seu reino, o reino de *aion*, é o reino de uma criança. É bonito isso, é muito bonito, porque significa isso, as crianças não têm rotina, é como dizer que a criança está em outro tempo. A criança não está num tempo monótono. A criança não está nesse tempo numerado, sequencial, que é um tempo mais adulto. O tempo da criança é um tempo aiônico, é um tempo de experiência e de intensidade. O tempo de *aion* é o tempo do brincar também, por isso, às vezes, é muito violento e difícil quando queremos submeter uma criança à *khrónos* e ela está em *aión*. Por exemplo, quando dizemos, você tem 10 minutos para brincar, ou então, ela nos chama para brincar com ela, e nós dizemos: eu brinco, mas só tenho meia hora para brincar. Percebem? É uma violência da temporalidade do jogo. É uma violência da temporalidade infantil.

Ivan: Então, pensem como esse tempo atravessa nossa experiência da escola. O professor Jorge Larrosa falou de *skholé*, falou da escola como tempo livre...

Kohan: Sim... Então vamos pensar o significado da palavra escola? A palavra escola é uma palavra grega também. Escola em grego se diz *SKHOLÉ*. Sabem o que significa *skholé*? Tempo ocioso, tempo livre. Olha o que significa a escola em grego: tempo livre. Tempo livre, ou seja, tempo liberado, tempo que se perde, tempo que não precisa ser aproveitado para uma coisa fora do próprio tempo, da própria experiência do tempo. Então, eu não sei se vocês estão conseguindo fazer algum tipo de viagem, se vocês estão conseguindo se deslocar no pensamento, mas pensem na escola que vocês habitam hoje, pensem na experiência que se tem na escola que vocês habitam, pensem na experiência do tempo que vocês têm na escola, pensem na experiência do tempo que uma criança pode ter nela, e pensem como o que nós fazemos na escola abre ou fecha formas de experimentar o tempo, da vida e da própria infância. Eu vou colocar mais uma palavra ainda.

Tempo livre em latim foi traduzido por *OTIUM*. E sabem qual é a negação do ÓCIO?

OTIUM = ÓCIO

Sabem como se nega ÓCIO?... Em latim, neg-otium; em português, negócio.

Então, o negócio é a negação da escola. O negócio é a negação do tempo livre. Por quê? Porque fazer negócio com a escola é pretender, é submeter a experiência do tempo escolar à uma utilidade, à ganhar alguma coisa.

Enquanto que o tempo da escola, o tempo *aion*, literalmente, é um tempo que está para ser perdido e não para ganhar nada. As coisas mais interessantes que nós fazemos na vida, bom eu estou exagerando um pouco, as coisas mais interessantes que eu fiz na minha vida, foram quando eu perdi tempo, quando eu tinha tempo para perder, quando eu podia me dedicar àquilo que não era necessário fazer em determinado tempo, mas era o que eu podia fazer a partir de ter tempo para poder pensar o que eu queria fazer com a minha vida. Porque se vocês se põem a pensar, *aión* não é apenas o tempo de brincar e da infância, mas é também o tempo do pensamento. Quando nós pensamos, precisamos de tempo para pensar, precisamos poder perder tempo.

Então, vamos retomar ao nosso início. Heráclito disse em outro fragmento: no círculo o fim e o início coincidem. No círculo todos os pontos são infância. Você pode começar um círculo por qualquer ponto e ele vai terminar no mesmo ponto. O pensamento é assim, quando pensa fundo e de verdade, você termina onde tinha começado e encontra talvez uma outra pergunta e/ou outro pensamento.

Eu vou apresentar uma última coisa sobre o tempo, que é a concepção do tempo AIMARA. Os 'Aimaras' aqui na Bolívia, perto. Os Aimaras, sabem como representam o tempo? Os Aimaras dizem que o passado está em nossa frente, porque é o que nós vemos; o futuro está atrás, porque é o que não podemos ver; e o presente é o que nos atravessa e cai sobre nós, de cima para baixo.

Lembrem-se do início. O que é uma experiência? Como o tempo afeta a nossa experiência? Como nós somos atravessados pelo tempo? Que espaço damos ao tempo? Quanto de nossa vida é cronológico? Quanto de nossa vida é *aionico*? Quanto é *kairótico*? Quanto está atravessada por um passado? Por uma infância que, embora tenhamos aqui em frente, talvez não sejamos capazes de perceber. Afinal, penso eu, na educação, na infância, no pensamento, é tudo uma questão de atenção, de sensibilidade. De abrir os olhos, abrir os sentidos, de dar atenção ao que temos em frente e, às vezes, não temos condições ou coragem de poder perceber.

Enviado em: 19/junho/2017

Aprovado em: 28/junho/2017